



**01**

A EUROPA EM QUE ESTAMOS

abril  
2025



## FICHA TÉCNICA

### AD ASTRA

REVISTA ONLINE DA UNIVERSIDADE ABERTA

#### Diretora

ANA PAULA AVELAR   
Universidade Aberta (UAb)

#### Editores

ANA PAULA AVELAR   
Universidade Aberta (UAb)

PEDRO FLOR   
Universidade Aberta (UAb)

#### Conselho Editorial

CÉLIA DIAS FERREIRA   
Universidade Aberta (UAb)

ISABEL HUET SILVA   
Universidade Aberta (UAb)

JOÃO SIMÃO   
Universidade Aberta (UAb)

MARIA DO ROSÁRIO LUPI BELO   
Universidade Aberta (UAb)

MARIA DO ROSÁRIO ROSA   
Universidade Aberta (UAb)

PEDRO FLOR   
Universidade Aberta (UAb)

PEDRO PESTANA   
Universidade Aberta (UAb)

AD ASTRA 2025 by [Universidade Aberta](https://www.aberta.pt) is licensed under [CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



#### Conselho Consultivo

BIAGIO D'ANGELO   
Universidade de Brasília (UnB)

DIONÍSIO VILA MAIOR   
Universidade Aberta (UAb)

FERNANDO COSTA   
Universidade Aberta (UAb)

JOÃO LUÍS CARDOSO   
Universidade Aberta (UAb)

KENNETH DAVID JACKSON   
Yale University

LUÍSA LEAL DE FARIA   
Universidade Católica Portuguesa

SANDRA CAEIRO   
Universidade Aberta (UAb)

SORAYA VARGAS CÔRTEZ   
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

TÂNIA FONSECA   
Kingston University

WALTER LEAL   
Hamburg University of Applied Sciences (HAW Hamburg)

#### Produção

Serviços de Produção Digital da Universidade Aberta

#### ISSN

3051-6773

#### DOI

<https://doi.org/10.34627/adastra.v1i1.348>



## ÍNDICE

### PALAVRAS PRÉVIAS

#### EDITORIAL

#### DOSSIER TEMÁTICO - A EUROPA EM QUE ESTAMOS

JOÃO VIEIRA BORGES

Europa: Desafios, Ameaças e Devir

*Europe: Challenges, Threats and Future*

LUÍSA LEAL DE FARIA

Desacertos culturais: idadismo, sexismo, localismo. Uma agenda cultural para a Europa no século XXI

*Cultural lags: ageism, sexism, localism: A Cultural Agenda for Europe in the Twenty First Century*

ANDRÉ MATOS E LUÍS MARTINS

Uma interpretação derrideana das dinâmicas de interação identitária entre a União Europeia e a Turquia no quadro do processo de alargamento

*A Derridean Interpretation of Identity Interaction Dynamics between the European Union and Turkey within the Framework of the Enlargement Process*

JOÃO RELVÃO CAETANO

Memória e Democracia: Reflexão sobre a política contemporânea

*Memory and Democracy: Reflection on Contemporary politics*

JORGE TRIGO

Entre a Memória e a Realidade: o “Mito Fundador” do Holocausto e a União Europeia do Século XXI

*Between Memory and Reality: The Founding Myth of the Holocaust and the European Union in the 21st Century*

MARGARIDA MARTINS

Descolonização: língua, poder e a consciencialização histórica

*Decolonisation: language, power and historical consciousness*

FERNANDO COSTA E JORGE BUESCU

A Matemática na sociedade europeia e a Sociedade Europeia de Matemática

*Mathematics in the European Society and the European Mathematical Society*

FÁTIMA ALVES E DIOGO GUEDES VIDAL

Interdependências das sociedades e da natureza nas inovações democráticas para a transição ecológica no contexto do New Green Deal - o caso do Projeto H2020 Phoenix

*Interdependencies between societies and nature in democratic innovations for the ecological transition in the context of the New Green Deal - the case of the H2020 Phoenix Project*

#### VARIA

MARIA DE JESUS PEREIRA

Emigração para o Brasil na segunda metade do século XIX na imprensa diária portuguesa

*Portuguese emigration to Brasil through the daily press on the the fifth and sixth decades of the 19th century*

ANDREIA GONÇALVES; ELIZABETE FERNANDES; SÓNIA RODRIGUES; TÂNIA CAIANO

Liberdade e rebeldia pela voz de Maria Teresa Horta

*Freedom and Rebellion Through the Maria Teresa Horta's*



ISABEL HUET, DIOGO CASANOVA, GLÓRIA BASTOS

O Papel das Microcredenciais na Formação Contínua de Professores: uma análise do Projeto CRED4TEACH

*The Role of Micro-Credentials in the Continuing Professional Development of Teachers: an analysis of the CRED4TEACH project*

### **RECENSÕES**

STEFFEN DIX

*Uwe Wittstock (2024), Marseille 1940: Die grosse Flucht der Literatur, München: C.H.Beck*

PEDRO PESTANA

*The Future Soundscape: How Pierre Schaeffer's Radical Ideas Still Need to Shape Music*

### **TESTEMUNHO(S)**

FERNANDO COSTA

Reminiscências sobre Rafael Sasportes (1960-2024)

**Europa: Desafios, Ameaças e Devir***Europe: Challenges, Threats and Future***João Vieira Borges****Resumo**

Começamos por caracterizar, muito resumidamente, a Europa de hoje, seguindo-se a identificação dos desafios e ameaças que colocam em causa o seu devir. Este está diretamente relacionado com a competitividade e o desenvolvimento, num mundo crescentemente global e marcado pela conflitualidade entre blocos com diferentes valores e objetivos. Terminaremos com as necessárias mensagens de e para o futuro, com a noção de que “a Europa só poderá continuar a construir-se como um ato de vontade e inteligência”, consciente da importância da segurança e defesa para a autonomia estratégica no novo sistema político internacional.

Palavras-Chave: Europa, Desafios, Ameaças, Segurança, Defesa

**Abstract**

We begin by very briefly characterizing today's Europe, followed by identifying the challenges and threats that call its future into question. This is directly related to competitiveness and development, in an increasingly global world marked by conflict between blocks with different values and objectives. We will end with the necessary messages from and for the future, with the notion that “Europe can only continue to build itself as an act of will and intelligence”, aware of the importance of security and defense for strategic autonomy in the new international political system.

Keywords: Europe, Challenges, Threats, Security, Defense

**João Vieira Borges**

Comissão Portuguesa de História Militar

 [0000-0002-8805-8607](https://orcid.org/0000-0002-8805-8607)

\*Este artigo foi escrito antes da tomada de posse de Donald Trump como 47º presidente dos EUA, que teve lugar a 20 de janeiro de 2025.

## 1. Introdução

Desafiado a escrever sobre a Europa de hoje e de amanhã, na perspectiva dos seus desafios e ameaças, em plena mudança do sistema político internacional, acelerada por uma guerra na Europa e outra no Médio Oriente, é tarefa difícil, e seguramente mais ajustada a futurólogos do que a estrategistas.

No entanto, para quem normalmente elabora estudos estratégicos, que têm em consideração os recursos das instituições (humanos e materiais), os objetivos a atingir (da satisfação dos clientes aos cidadãos em geral) e as ameaças e desafios que constituem os obstáculos a contornar ou a “atingir”, torna-se mais fácil fazer prospetiva, apesar do “Poder das Circunstâncias” de Adriano Moreira estar sempre presente e constituir justificativo para o diferencial entre as previsões e a realidade. No caso da análise do sistema político internacional em geral e da Europa em particular (também ela dividida e não separável do resto do Mundo – em pleno processo de globalização), as variáveis são muitas, mas agrupáveis de modo a facilitar o estudo.

Neste sentido, começaremos por caracterizar muito resumidamente a Europa de hoje, seguindo-se a identificação dos desafios e ameaças que colocam em causa o seu futuro mais idílico. Terminaremos com as necessárias mensagens de e para o futuro, com a consciência de que “a Europa só poderá continuar a construir-se como um ato de vontade e inteligência e não como produto de simples necessidade ou automatismo” (Pires, 1994, p. 19).

O relatório sobre o futuro da competitividade europeia, elaborado por Mario Draghi e publicado em setembro de 2024, constitui uma fonte importante deste trabalho, do mesmo modo que a Bússola Estratégica, aprovada em março de 2022, documento que constitui um plano de ação ambicioso para reforçar a política de segurança e defesa da União Europeia até 2030. Mas a Europa é muito mais do que a União Europeia

dos 27, em especial no novo quadro geopolítico mundial, em que só será competitiva se garantir segurança aos seus cidadãos e dispor de uma capacidade autónoma em termos de defesa. A Europa geográfica dos 50 vai ser trabalhada como a Europa democrática, estandarte dos valores que representa uma história ancestral e um futuro em que pretende ser ator do sistema político internacional. Mas para que a Europa reforce o seu papel enquanto ator das relações internacionais neste segundo quartel do século XXI, já constatámos que não basta investir na economia, no bem-estar dos seus cidadãos e no respeito pelo direito internacional. É preciso investir na defesa, pois só assim garantirá condições para a competitividade, assegurando maior liberdade de ação em face do necessário reforço do seu potencial estratégico. Mas esse investimento tem de ser coerente com os desafios e ameaças mais prováveis e mais perigosos, de modo a ser dissuasor no conjunto de um espaço de contrastes unido por valores ou desunido por narrativas mais ou menos imperialistas (casos da Rússia e da Bielorrússia).



Fig. 1. Com a Bússola Estratégica da União Europeia, aprovada em março de 2022, os Estados-Membros chegaram a acordo sobre uma visão estratégica comum para o papel da UE na segurança e na defesa.

(Fonte: <https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/documents/2023/2023-03-Strategic%20Compass.pdf>)



## 2. A Europa Hoje

A Europa de hoje é a mesma de ontem em termos geográficos, mas muito diferente em termos geopolíticos ou geoeconômicos.

A Europa física continua a compreender a península ocidental da Eurásia, e separa-se da Ásia[2] a leste pela divisória de águas dos montes Urais, o rio Ural, o mar Cáspio, o Cáucaso, e o mar Negro a sudeste. Apesar disso, é bom recordar que tem cerca de 10.530.000 km<sup>2</sup> e que só ocupa cerca de sete por cento das terras emersas (a Ásia ocupa 30%, a América 28% e África 20%), apesar da distância que medeia Lisboa e os Urais ser de cerca de 4.300 km. Tem um misto de mundo continental e oceânico, com saídas para o Mediterrâneo (sul – com vários mares interiores) e o Atlântico (a oeste e a norte), que por sua vez se desdobra em mares costeiros como o mar do Norte, o mar Báltico e o mar Branco. Em termos orogénicos constitui um corredor alargado entre maciços e cadeias divergentes, o que explica as várias invasões militares (bárbaras no sentido leste-oeste, suecas, napoleónicas e teutónicas no sentido oeste-leste). O corredor de planícies tem sido fator de fertilidade, mas também de comércio, de movimento, de disputa e de conflito. Em suma, “a Europa é muito aberta ao exterior pelas vias do mar, mas também por essa via aberta interiormente” (Pires, 1994, p. 32), situação exponenciada pelo clima favorável à indústria e à civilização dos povos (Estrabão).

Em termos geopolíticos temos uma Europa já muito diferente daquela que tínhamos no final do século XX. Já em 2010, Henrique Raposo referia que “A Europa pesa cada vez menos na demografia global e na economia mundial” e que a “a capacidade militar europeia também pesa cada vez menos no xadrez geopolítico” (Raposo, 2010, p. 14).

A Europa de hoje tem grandes vulnerabilidades a nível demográfico. Com uma população da ordem dos 742,3 milhões de cidadãos, com diferentes línguas e culturas (o país mais

populoso é a Rússia, com 141 milhões), a tendência de evolução dos últimos anos tem sido no sentido do envelhecimento da população (e redução da população economicamente ativa) e na redução da taxa de natalidade. É um processo de “transição demográfica” com poucas exceções, decorrente da melhoria das condições de vida e do incremento da urbanização. Como consequência, e para manter o nível de desenvolvimento e crescimento, a Europa (sobretudo a do sul) tem-se socorrido da emigração, em crescendo (nem sempre controlada). Também por isso é urgente e importante que a Europa no seu conjunto altere o seu perfil populacional, apoiando os jovens com políticas dirigidas no sentido do aumento das taxas de natalidade.

Relativamente à questão política, a Europa de hoje, que já não constitui um eixo central da política internacional, está maioritariamente unida em torno de projeto comum: a União Europeia[3]. Este sonho antigo, consegue hoje unir em torno de um ideal político, 27 países de um total de 50. Alguns dos restantes, só não fazem parte do projeto porque ainda não dispõem de condições políticas, económicas e financeiras para integrarem a organização. A UE atua através de um sistema de instituições supranacionais independentes e de decisões intergovernamentais negociadas entre os Estados-membros, o que torna a praxis política complexa e lenta. O reforço da coesão da organização, decorrente da invasão da Ucrânia pela Rússia, tem levado, inclusivamente, a uma maior ligação a países que já foram membros (Reino Unido) ou que pretendem fazer parte da mesma (9 candidatos) e a um afastamento claro da Rússia e da Bielorrússia[4]. É como se tivéssemos duas Europas, uma ocidental ou democrática, defensora dos valores conquistados na sequência de duas guerras mundiais e de uma guerra fria e plasmados na carta das nações unidas e na declaração universal dos direitos do homem e outra (que para além dos dois países já referidos tem apoiantes na Hungria e na Sérvia), a oriental ou a autocrática, defensora de uma nova ordem, desrespeitadora do Direito Internacional Humanitário e

de muitos dos valores defendidos pela União Europeia como a liberdade, a democracia e o Estado de Direito.

Em termos geoeconómicos, a Europa, que durante séculos constituiu o maior centro económico do planeta, possui ainda hoje uma das economias mais avançadas do mundo, com amplo dinamismo e avançados graus de tecnologia e inovações científicas. Situada entre a Ásia, a África e a América, tem todas as condições para continuar a ser um ponto de passagem obrigatório de conhecimento, tecnologia e comércio. Entretanto, depois de duas guerras mundiais, e da crescente dependência energética, viu o seu predomínio declinar em relação aos Estados Unidos, ao Japão e mais recentemente à República Popular da China[5]. Apesar de tudo, entre as dez economias mais desenvolvidas do Mundo em 2024 (divulgado pelo FMI – tendo por base o PIB nominal dos países), a Europa contempla a Alemanha (3.º, depois dos EUA e da China), o Reino Unido (6.º, depois do Japão e da Índia), a França (7.º) e a Itália (8.º – seguida do Brasil e do Canadá)[6].

No seu conjunto, a União Europeia continua a ser o maior bloco comercial do mundo, com um PIB total de 17 biliões de Euros. É o maior exportador mundial de bens e serviços e o maior mercado de importação para mais de 100 países. O comércio livre entre os seus países foi um dos princípios fundadores da UE, o que é possível graças sobretudo ao mercado único (a moeda única – o euro – é moeda oficial de 20 países). Os serviços representam 72 % do PIB da UE e a indústria quase toda a percentagem restante. A UE é o maior exportador mundial de bens manufaturados e de serviços. Garante cerca de 14 % do comércio mundial de mercadorias. Os EUA são o principal destino das exportações de mercadorias da UE e a China, o país de onde provém a maior parte das importações de mercadorias. Os principais parceiros comerciais da UE no setor dos serviços são os EUA e o Reino Unido. Na prática a UE contribui para cerca de 17% do PIB mundial (valores próximos aos da China

e atrás dos EUA, que tem valores da ordem dos 26%)[7], a que poderemos acrescentar cerca de 7% dos restantes países europeus (que incluem a própria Rússia). No entanto, e tal como é referido no relatório Draghi, o futuro da competitividade europeia passa por colmatar o défice de inovação em relação aos EUA e à China, por um plano conjunto e coordenado para a descarbonização e a competitividade e finalmente por aumentar a segurança e reduzir as dependências.

E finalmente, em termos militares, podemos referir que a Europa tem sérias limitações, independentemente de França e Reino Unido serem potências nucleares. Durante mais de três décadas, a Europa desinvestiu na defesa, em particular depois da queda do muro de Berlim, socorrendo-se da proteção dos EUA, em especial no âmbito da NATO. Com o enfase dado ao combate ao terrorismo transnacional a partir de 2001 e com as dependências crescentes dos EUA em armamento e tecnologia, da Rússia em energia e da China em componentes e matérias-primas, a Europa chegou à invasão da Ucrânia pela Rússia (24 de fevereiro de 2022) numa situação muito debilitada em termos militares. Como refere Mario Draghi no seu relatório, apesar de coletivamente a UE ser o segundo maior gastador militar do Mundo, isso não se reflete na força da sua capacidade industrial de defesa. Mesmo com um volume de negócios de 135 mil milhões de euros (dados de 2022), com fortes volumes de exportações (mais de 52 mil milhões de euros em 2022) e com cerca de 500.000 pessoas empregues no sector da defesa, as despesas com a defesa em termos de percentagem do PIB são claramente insuficientes no atual ambiente geopolítico.

Para ganhar a necessária “autonomia estratégica” é fundamental que a Europa ocidental e democrática invista na sua indústria de defesa, motor essencial da inovação e da economia e condição prévia para o necessário crescimento sustentável. Se a Europa pretende continuar a ser um ator no sistema político internacional, não pode investir exclusivamente nas componentes políticas



e económicas e manter-se como um aão na componente da segurança e da defesa, com crescentes dependências dos seus competidores, seja a nível tecnológico (dos EUA), seja a nível das matérias-primas (da China).

Em plena alteração do mapa geopolítico e geoeconómico do Mundo em geral e da Europa em particular, é altura da Europa democrática tomar medidas para o futuro mantendo os seus valores como estandarte de um modo de vida exemplar para a humanidade.



Fig. 2. O relatório de Mario Draghi sobre o futuro da competitividade europeia analisa os desafios enfrentados pela indústria e pelas empresas no Mercado Único, com especial e oportuno destaque para as indústrias de defesa, pois não haverá desenvolvimento e competitividade na Europa sem segurança e defesa.

(Fonte: [https://commission.europa.eu/topics/strengthening-european-competitiveness/eu-competitiveness-looking-ahead\\_en](https://commission.europa.eu/topics/strengthening-european-competitiveness/eu-competitiveness-looking-ahead_en))

### 3.Desafios e ameaças para a Europa

Em termos globais e tal como referido na *National Security Strategy 2022* dos EUA[8] ou no Conceito Estratégico da NATO do mesmo ano, podemos caracterizar as seguintes ameaças ao Mundo dito ocidental em geral:

- A “Competição Estratégica” e o confronto global entre Democracias e Atores Autoritários: tendo a Rússia, como a mais significativa ameaça à Segurança e à Paz, perturbadora nos flancos Leste e Sul da Europa; a China, como competidor estratégico e desafio aos interesses, segurança e valores do Ocidente; e o Irão e a Coreia do Norte, como criadores de instabilidade regional e global e que apoiam a construção de Uma Nova Era Russo-Chinesa...
- As “Ameaças Compartilhadas” como o terrorismo, a explosão demográfica, as alterações climáticas, a transição energética, a insegurança alimentar, as pandemias, a luta pelos recursos estratégicos, a (des)informação, o ciberespaço e as Tecnologias emergentes e disruptivas...

Ao nível da UE, a Bússola Estratégica para a Segurança e a Defesa (também aprovada em 2022, na sequência da invasão da Ucrânia pela Rússia) começa por sublinhar “o regresso da guerra à Europa, com a agressão não provocada e injustificada da Rússia contra a Ucrânia” a par das “importantes mudanças geopolíticas”, que estão a colocar em causa a “capacidade para promover a nossa visão e defender os nossos interesses”. Estabelece um elevado nível de ambição para a agenda de segurança e defesa, comprometendo-se a realizar ações prioritárias concretas, em quatro vertentes de trabalho: agir; garantir a segurança; investir; e parcerias[9].

Em 2022, com o início da guerra, a UE demonstrou união, coesão e determinação na defesa dos seus valores e interesses, apoiando de modo claro e objetivo a Ucrânia. No entanto, as democracias não estão preparadas para guerras longas, pois têm ciclos eleitorais em que os populismos facilmente encontram espaço decorrente das consequências nefastas da guerra. E ao fim de quase três anos de guerra (se não falarmos de 2014 com a invasão da Crimeia e os combates no Donbass[10]) a Europa democrática começa a sentir esses efeitos populistas.

Entretanto, já em 2022 as ameaças e desafios estavam explícitos e implícitos no documento, após a caracterização do novo Mundo, marcado pela competição estratégica e pelas ameaças compartilhadas (tal como nos documentos estratégicos dos EUA e da NATO). Na caracterização do denominado “Mundo que enfrentamos”, o documento aborda “o regresso da política de relações de força num mundo multipolar disputado”, “o ambiente estratégico” e “as ameaças e desafios emergentes e transnacionais”, para terminar com as “implicações estratégicas para a União”.

Vejamos então as ameaças (explícitas e implícitas) para a União Europeia constantes no documento:

- o aumento dos conflitos, dos atos de agressão, das fontes de instabilidade e do reforço dos dispositivos militares, não só na nossa vizinhança, mas também em regiões mais afastadas, os quais geram um enorme sofrimento no plano humanitário e deslocamentos da população;
- a Rússia e o seu expansionismo imperialista, associado à tentativa de criação de uma Nova Era em que o Ocidente e os seus valores são colocados em causa;
- as ameaças híbridas (ciberataques, campanhas de desinformação, interferência direta nas eleições, coerção económica, instrumentalização dos fluxos de migração irregular, etc.), que aumentam tanto em termos de frequência como de repercussões e o regresso à política de relações de força e até mesmo à agressão armada;
- a interdependência, que está a tornar-se cada vez mais um fator de conflito e a capacidade de influência usada como arma;
- o terrorismo e o extremismo violento em todas as suas formas, que constituem uma grave ameaça para a paz e a segurança, dentro e fora da EU;

- a proliferação de armas de destruição maciça e dos seus vetores, tal como ilustram nomeadamente os programas nucleares da Coreia do Norte e do Irão e a expansão do arsenal nuclear por parte da Rússia (com ameaças frequentes no âmbito da guerra na Ucrânia) e da China.

Relativamente aos desafios, podemos destacar:

- as vacinas, os dados e as normas tecnológicas como instrumentos de concorrência política;
- o acesso ao alto mar, ao espaço exterior e à esfera digital, cada vez mais disputado;
- o crescendo de tentativas de coerção económica e energética;
- o efeito potenciador que as alterações climáticas produzem nos conflitos e na instabilidade.

Entre as várias ações a desenvolver para fazer face às ameaças e desafios destacam-se:

- investir na segurança e defesa;
- reforçar a relação transatlântica e de cooperação UE-OTAN e a cooperação com os parceiros regionais, nomeadamente a OSCE, a UA e a ASEAN;
- assegurar o acesso livre e seguro a domínios estratégicos mundiais;
- manter um ciberespaço aberto, livre, estável e seguro em vez de domínio de concorrência estratégica;
- assegurar a segurança marítima no mar Báltico, no mar Negro, no Mediterrâneo e no mar do Norte, bem como nas águas do Ártico, no oceano Atlântico e nas regiões ultraperiféricas;

- controlar, na medida possível, as alterações climáticas, a degradação ambiental, as catástrofes naturais e as crises sanitárias mundiais.

Mais recentemente, e após mais de dois anos e meio de guerra na Europa, o relatório Draghi sobre o futuro da competitividade europeia veio “atualizar” os desafios para UE em particular e para a Europa democrática em geral.

O relatório começa por caracterizar “o Novo cenário para a Europa”, abordando depois os três pontos chave:

1. Colmatar a lacuna da inovação em relação aos EUA e à China, em especial no domínio das tecnologias avançadas;
2. Estabelecer um plano conjunto para a descarbonização e a competitividade;
3. Aumentar a segurança e reduzir as dependências.

Aborda ainda, o financiamento dos investimentos e o fortalecimento da governação, num documento que refere que a era de rápido crescimento do comércio mundial parece ter passado, que as empresas da UE enfrentaram uma maior concorrência externa e um menor acesso aos mercados estrangeiros<sup>[1 1]</sup>, que a Europa perdeu abruptamente o seu mais importante fornecedor de energia, a Rússia e que, ao mesmo tempo, a estabilidade geopolítica está a diminuir e as nossas dependências revelaram-se vulnerabilidades.

Para Mario Draghi, se a Europa não conseguir tornar-se mais produtiva, não será capaz de ser líder em novas tecnologias, um farol de responsabilidade climática e um ator independente no palco mundial. E não será capaz de financiar o nosso “modelo social”, assente nos valores fundamentais da Europa, que são a prosperidade, a equidade, a liberdade, a paz e a democracia num ambiente sustentável. Este é assumidamente um desafio existencial!

E adianta ainda, que “a única forma de enfrentar este desafio é crescer e tornarmo-nos mais produtivos, preservando os nossos valores de equidade e inclusão social.”. Mas crescer implica mudar radicalmente!

Na área relativa ao aumento da segurança e redução das dependências, o relatório sublinha que **“a segurança é uma condição prévia para o crescimento sustentável”** e que **“o sector da defesa é também um motor essencial da inovação para toda a economia”**.

A Europa está particularmente exposta, não só em função das matérias-primas essenciais, especialmente da China, mas também das importações de tecnologia digital (75-90% da capacidade global de fabrico de wafers – chips – está na Ásia). Se a UE não agir, corremos o risco de ficar vulneráveis à coação. Por isso precisaremos de uma verdadeira “política económica externa” da UE para manter a nossa liberdade.

Por outro lado, o aumento dos riscos geopolíticos pode aumentar a incerteza e reduzir o investimento, enquanto os grandes choques geopolíticos ou as paragens súbitas no comércio podem ser extremamente perturbadores. À medida que a era da estabilidade geopolítica se desvanece, aumenta o risco de a crescente insegurança se tornar uma ameaça ao crescimento e à liberdade.

Para Mario Draghi, o primeiro e mais importante objetivo da Europa é a Paz. Como as ameaças à segurança física estão a aumentar, teremos de nos preparar e não reagir. “A UE é coletivamente o segundo maior gastador militar do mundo, mas isso não se reflete na força da nossa capacidade industrial de defesa. A indústria de defesa está demasiado fragmentada, dificultando a sua capacidade de produzir em grande escala, e sofre de falta de normalização e interoperabilidade de equipamentos, enfraquecendo a capacidade da Europa de agir como uma potência coesa. Por exemplo, doze tipos diferentes

de carros de combate são operados na Europa, enquanto os EUA produzem apenas um”. Entretanto, “apenas dez Estados-Membros gastam atualmente mais ou igual a 2% do PIB, em linha com os compromissos da NATO, embora as despesas com a defesa estejam a aumentar. Como exemplo, se todos os Estados-Membros da UE que são membros da NATO e que ainda não atingiram a meta dos 2% o fizessem em 2024, as despesas com a defesa aumentariam em 60 mil milhões de euros”. Por outro lado, “em junho de 2024, a Comissão estimou que seriam necessários investimentos adicionais na defesa de cerca de 500 mil milhões de Euros durante a próxima década. Tornar-se mais independente cria um “custo de seguro” para a Europa, mas estes custos podem ser mitigados através de cooperação”.

Neste âmbito, a indústria de defesa da UE é ainda altamente competitiva a nível mundial em domínios específicos. No entanto, e apesar de empregar cerca de 500.000 pessoas e de ter um volume de negócios anual estimado em 135 mil milhões de euros (2022) a defesa pública por parte dos Estados-Membros da UE é insuficiente no atual ambiente geopolítico (representa um terço das dos EUA, com as despesas a aumentarem rapidamente na China - EUA 880 MUSD, China 309 MUSD, UE 288 MUSD). De acordo com o relatório, as principais razões são: limitado acesso a financiamentos; pegada industrial de defesa limitada (escala); falta de coordenação a nível da UE e a normalização dos produtos enfraquecem a base industrial de defesa da UE; um elevado nível de dependência externa (em especial dos EUA em tecnologia e da China em matérias-primas); investimento limitado em investigação, desenvolvimento e inovação; e governança fragmentada e fraca.

Na prática e numa perspetiva mais holística do relatório (que numa visão mais economicista aborda sobretudo os competidores em vez das ameaças), os grandes desafios da União Europeia passam então por:

— acelerar a inovação e encontrar novos motores de

crescimento;

- descarbonizar e reduzir os preços da energia;
- dispor de um plano (conjunto) de competitividade;
- aumentar a segurança, criando maior autonomia e investindo na indústria de defesa;
- reduzir as dependências;
- crescer, tornando-nos mais produtivos;
- e fortalecer a governação através da defesa de valores fundamentais como a prosperidade, a equidade, a liberdade, a paz e a democracia num ambiente sustentável.

Apesar do peso (ainda) elevado da UE na economia global (cerca de 17% do PIB mundial), é grande o risco de perder rapidamente terreno face a choques externos, tensões geopolíticas e avanços tecnológicos. Daí o alerta para que tome medidas estratégicas urgentes, para que se mantenha competitiva e capaz de garantir a sua segurança e prosperidade. Em resumo, a capacidade da UE para aumentar a inovação, equilibrar a descarbonização com a competitividade e reforçar a sua segurança, vai determinar o seu papel na Nova Ordem Mundial em processo rápido de transformação e muito dependente do resultado da guerra da Rússia na Ucrânia.

#### 4. Mensagens

Neste Mundo em mudança, de uma “multipolaridade complexa” (segundo Josep Borrell) para uma guerra morna representativa de um sistema bipolar<sup>[12]</sup>, a nova Europa geopolítica, em plena Guerra da Rússia na Ucrânia (desde 24 de fevereiro de 2022) e de Israel no Médio Oriente (desde 7 de outubro de 2023), está marcada pela divisão entre uma Europa ocidental e democrática, marcada pela União Europeia, e uma Europa de

leste e autocrática, dominada pela Rússia.

No levantamento das ameaças e desafios à Europa democrática em geral e à União Europeia em particular, usámos como fontes mais relevantes a Bússola Estratégica de 2022 (mais relacionada com a segurança e defesa para 2030) e o Relatório Draghi de 2024 (mais relacionado com a competitividade em termos económicos), documentos estruturantes numa altura de reconfiguração geopolítica e geoeconómica da Europa e do Mundo em geral, que confirma que o conflito, e não a harmonia, é a tendência do nosso tempo.

Nos mesmos documentos, as ações a desenvolver, em jeito de “conceitos de ação estratégica”, estão desenvolvidas em termos muito gerais.

Entendemos deixar algumas mensagens para o devir da Europa, com a consciência de que “a Europa só poderá continuar a construir-se como um ato de vontade e inteligência”. Mas isso não basta! É também com a consciência da importância da segurança e defesa para a autonomia estratégica da Europa democrática no novo sistema político internacional (ou na Nova Era).

Vejamos então algumas das mensagens mais significativas para a Europa e para os europeus (em especial para os mais jovens), na conjuntura atual e sem ter em consideração o sempre imprevisível “poder das circunstâncias”:

- neste Mundo em rápida mudança, devemos continuar a fortalecer os valores (democracia, liberdade, Estado de direito), mas também os direitos e deveres dos cidadãos europeus, que constituem, no seu conjunto, um verdadeiro estandarte de um “modelo social” de indiscutível referência;
- independentemente dos novos desafios e ameaças, a Europa democrática deve continuar a trabalhar arduamente para manter a liderança económica a nível global e para

desenvolver os restantes instrumentos de poder, no sentido de garantir o controlo sobre o seu próprio futuro;

- garantir o controlo do futuro implica, tal como disposto no relatório Draghi, assegurar competitividade sustentável, cuidar da inovação, da investigação e da descarbonização, e investir no reforço da segurança e na diminuição das dependências;
- ao nível a segurança, a Europa deve investir na sua indústria de defesa (de modo mais integrado, normalizado e dirigido às necessidades operacionais e às áreas de liderança tecnológica), na relação transatlântica através da NATO, mas também na educação dos jovens, preparando-os melhor civicamente para as diferentes ameaças e desafios e inclusivamente para servirem nas forças armadas em defesa dos seus espaços e das suas gentes;
- assegurar a “autonomia estratégica” deve constituir um desiderato multidisciplinar e holístico, o que implica a necessária coordenação e integração entre os países da União Europeia e os restantes países democráticos (desde que defensores dos mesmos valores), reduzir a dependência relativamente aos EUA (também para não ser arrastada para conflitos fora dos seus interesses), mas também trabalhar em cooperação com um número crescente de aliados que partilhem valores e o multilateralismo em prol de um mundo melhor e mais justo.

Normalmente, em política internacional, das palavras à praxis vai uma distância enorme, em especial quando falamos de mudanças significativas na transição limpa e digital, na descarbonização através da inovação (e na transformação disso numa vantagem competitiva), na nova industrialização, na redução dos preços da energia, na mobilização do investimento público e privado, na melhoria do ambiente empresarial, na criação de novas competências e no investimento na segurança e defesa. E essa

distância tem relação direta com a “autonomia estratégica” e as dependências (não só de tecnologia, mas também de matérias-primas), situações dependentes do exterior e dos competidores, mas que podemos e devemos reduzir.

E para reduzir as dependências, nada melhor do que continuar a investir nas pessoas, proporcionando-lhes novas competências e preparando-as para a competição e a adversidade com a necessária resiliência. E isso faz-se a dois níveis: formação adaptada aos novos tempos junto dos adultos que já fazem parte do mercado de trabalho; e educação em cidadania junto dos mais jovens, preparando-os para uma nova Europa democrática, que deve constituir exemplo de valores, mas também de competitividade, seja relativamente à Europa autocrática, seja relativamente a outros atores internacionais no âmbito da Nova Era, seja ainda para fazer face às velhas e novas ameaças e desafios.

Só assim teremos uma Europa unida em torno de valores da Vida, da Democracia, da Liberdade, do Estado de Direito, da Tolerância e da Paz, mas sem descuidar o social, a boa vizinhança<sup>[13]</sup>, a competitividade e a segurança, na linha do sonho de Robert Schuman e Jean Monet.

### Referências

BORGES, João Vieira (2024). Estratégia, na Guerra da Rússia na Ucrânia. in Barroso, Luís & Duarte, António Paulo & Ferreira, Pedro. Entender a Guerra Hoje (pp.59-73). Guerra e Paz.

DRAGHI, Mario (2024). The future of European competitiveness. European Commission.

FAZENDEIRO, Bernardo Teles (2022). A guerra quente e a paz fria. Guerra e Paz.

FERNANDES, José Pedro Teixeira (2024). O Fim da Paz Perpétua: Geopolítica de um Mundo em Metamorfose. Livros Zigurate.

GORBATCHOV, Mikhail (2021). Que está em jogo? o futuro do mundo global. Edições 70.

KISSINGER, Henry (2014). A Ordem Mundial: reflexões sobre o Carácter das Nações e o Curso da História. D. Quixote.

MAÇÕES, Bruno (2018). O despertar da Eurásia: em busca da nova ordem mundial. Círculo de Leitores.

MOREIRA, Filipe Arnaut (2023). O Domínio do poder: compreender as causas e os interesses da geopolítica mundial. Planeta.

PIRES, Francisco Lucas (1994). O que é a Europa. Difusão Cultural.

RAPOSO, Henrique (2010). Um Mundo sem Europeus. Guerra e Paz.

RODRIGUES, Teresa Ferreira & Borges, João Vieira (coordenadores e co-autores) (2022). Ameaças e Riscos Transnacionais na Nova Era. Fronteira do Caos.

SOUSA, José Pedro de & Fernandes, Castro Teixeira (2002). A Segurança da Europa Ocidental: uma arquitetura euro-atlântica multidimensional. Fundação Calouste Gulbenkian.

STRATEGIC COMPASS FOR SECURITY AND DEFENCE (2022). European Union.

TELO, António & Borges, João Vieira (2024). A Guerra que aí vem: A Ucrânia num Mundo em Mudança. Tribuna da História.

TELO, António José (2022). Guerra e Mudanças na Europa e no Mundo no Século XXI. Tribuna da História.

TELO, António José & Borges, João Vieira & Pires Nuno Lemos (2018). Dar uma razão à força e uma força à razão. Nexo.

THE WHITE HOUSE WASHINGTON (2022). National Security Strategy.



**Sites**

<https://ver.pt/os-novos-desafios-da-europa/>

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/comunicacao/noticia?i=desafios-que-a-uniao-europeia-enfrenta-impoem-liderancas-fortes>

<https://www.dn.pt/6389668395/5-desafios-para-a-ue-nos-proximos-5-anos/>

<https://observador.pt/opiniao/os-desafios-da-europa-nas-eleicoes-europeias/>

**Notas**

[1] Major-General do Exército, Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar. É doutorado em Ciências Sociais e Mestre em Estratégia e em Ciências Militares.

[2] “A divisão entre a Europa e a Ásia não é uma divisão no espaço, mas no tempo.” (Mações, 2018, p. 27). Mais adiante, Bruno Mações (2018, p. 33) sublinha que “se a Europa emergiu da matriz da Ásia, isso poderá parecer um ato de ousadia e libertação, mas acarreta consigo dois perigos. Primeiro, que a vida europeia se desligue das suas origens. Segundo, existe o perigo constante de que a Europa possa regressar à Ásia.”

[3] Com 4 milhões de km<sup>2</sup> e mais de 448 milhões de habitantes, que representam 5,6 % da população mundial. Cerca de 41 milhões de residentes na UE são cidadãos estrangeiros.

[4] “Por ironia, muito normal na História, a guerra da Ucrânia transformou-se na grande oportunidade de renascimento da UE, o que implica alterar quase todas as suas políticas” (Telo, 2022, p. 153). Como também refere Arnaut Moreira (2022, p. 214) “A Europa mostrou resiliência, capacidade de acomodar divergências e de operacionalizar soluções. Mas continua sem conseguir resolver a falta de instrumentos de poder”.

[5] A guerra na Ucrânia acelerou a mudança no Mundo. E a evolução, na nossa perspetiva, caminha no sentido de um mundo bipolar, com um polo organizado à volta das democracias da NATO e do Pacífico e outro centrado no entendimento China-Rússia, numa espécie de nova Guerra Fria, infelizmente mais morna entre os poderes e mais quentes entre os seus proxis. “A China e a Rússia proclamaram, um pouco antes da invasão russa da Ucrânia, no início de 2022, uma «parceria sem limites» [...]. Face a este novo mundo de potências contestatórias, que ganha cada vez maiores contornos, a questão que se coloca para a Europa – leia-se, para a União Europeia – é a de saber como se deve posicionar para prosseguir os seus interesses estratégicos, económico-político-militares e de segurança.” (Fernandes, 2024, p. 131).

[6] [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_pa%C3%ADses\\_por\\_PIB\\_nominal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_PIB_nominal)

[7] Fonte: IMF, 2024. Share of World GDP (at current prices, 2023).

[8] Nesta NSS e nas anteriores, os europeus não são considerados aliados especiais e prioritários dos EUA. A prioridade americana vem sendo o sistema de alianças do Pacífico e do Índico.

[9] É importante lembrar que “A esmagadora maioria das democracias europeias se convenceu que, a partir de 1991, só tinha de enfrentar pequenas guerras em ambiente multilateral, ligadas a operações de manutenção de paz ou a gestão de crises” (Telo, 2022, p. 143).

[10] “O começo da guerra, em 2014, abalou quaisquer esperanças numa Europa livre de violência entre Estados.” (Fazendeiro, 2022, p. 137).

[11] Apenas 4 das 50 maiores empresas tecnológicas do mundo são europeias e numa base per capita, o rendimento disponível real cresceu quase duas vezes mais nos EUA do que na UE desde 2000).

[12] “Uma ordem mundial que afirme a dignidade individual e a governação representativa e que promova a cooperação internacional segundo normas preestabelecidas pode ser a nossa esperança e deve ser a nossa ambição.” (Kissinger, 2014, p. 425).

[13] “Na política mundial, não há tarefa mais importante – e mais difícil – do que o restabelecimento da confiança entre a Rússia e o Ocidente.” (Gorbachov, 2021. p. 133).

